

A Odisseia do Endurance

Introdução

O presente caso apresenta partes da expedição empreendida por Ernest Shackleton na Antártida em 1914. Passa-se num continente muito diferente, a Antártida, que caracterizamos de seguida. A Antártida é um continente com uma superfície de 14 milhões de km² fazendo deste um gigantesco continente branco. 95% da sua composição é de gelo cuja espessura varia entre 2700 a 5000 metros. No Inverno a superfície deste continente pode ser atingir até 50 milhões de km². É um continente por isso único, selvagem e uma das regiões mais isolada da Terra por eventos climáticos violentos (vulcões, tempestades, ventos até 300 km/h). O interior do continente é completamente estéril, atingindo temperaturas de 80 graus negativos mas as águas glaciais são das mais ricas em nutrientes no planeta Terra. Também por isso será um dos locais que abriga a maior fauna biológica marinha. A Antártida tem um efeito climático sobre todo o hemisfério sul pois determina as correntes oceânicas do planeta e funciona também como referência do uso e do abuso que a humanidade faz do planeta.

A história da Antártida remonta ao início do século XVI, mas foi no século XVIII e particularmente no início do século XIX, que a Antártida começa a ser descoberta. A sua história passa por expedições e por isso por feitos heróicos, e por vezes trágicos, de homens que ousaram partir à aventura. A Antártida foi descoberta por exploradores, e de modo diferente de outros continentes como a Índia ou a América que tinham habitantes nativos. Estes exploradores pisaram uma terra que nunca antes fora ocupada. Estas explorações foram possíveis graças ao trabalho humano, à organização, à ciência e ao engenho humano. E também será através de objetos, ritos e pessoas que este continente se converte num espaço compartilhado pelos homens.

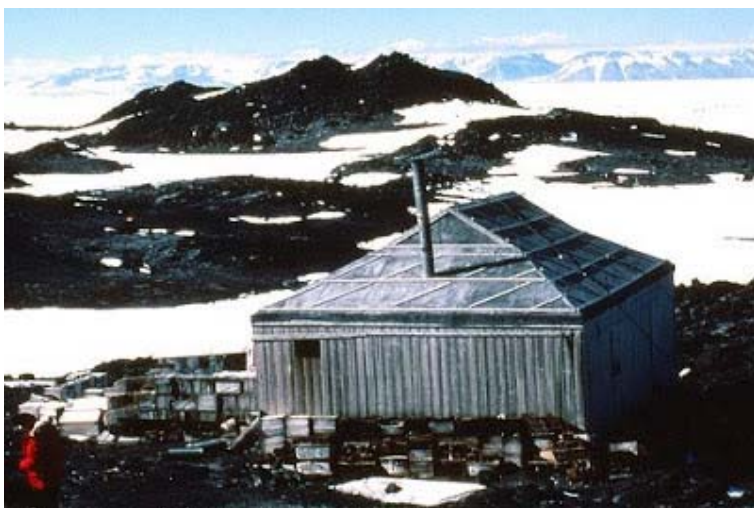
Desbravar esta terra gelada em busca de respostas para a vida pode ser vista como uma obra coletiva. Os exploradores mais importantes foram : o capitão inglês Robert Falcon Scott, a bordo do seu navio Discovery em 1901 partiu rumo ao estreito de McMurd (nome atual da maior base americana); o capitão norueguês Roald Amundsen, a bordo do navio FRAM, cuja expedição de 1910 – 1912 chegou pela primeira vez ao Pólo Sul, vencendo o seu rival Scott, mas que junto com ele dá nome à uma outra estação americana (Amundsen-Scott); e, a expedição do escocês Ernest Schackleton, que no comando do Endurance, protagonizou uma das explorações mais incríveis no continente branco, durante o período 1914-1917.

“Tendo começado em 1914 e durado até 1917, coincidindo em boa parte com a Primeira Guerra Mundial, a expedição do Endurance é muitas vezes classificada como a última da era heróica da exploração polar. O alcance e a ambição da travessia transantártica imaginada por Schackleton pode ser mais bem avaliado no contexto dos grandes feitos de heroísmo – e egolatria – que a antecederam. De fato, a grandeza de Schackleton como líder da expedição do Endurance deve muito ao sofrimento, por vezes insano, de suas experiências anteriores na Antártida”.

A expedição de Shackleton

No ano de 1914, os pólos da Terra já haviam sido conquistados; o norte por Amundsen, em dezembro de 1911, e o sul, por Scott, em janeiro de 1912. Sobrevivente de duas tentativas sem sucesso para chegar ao ponto central da Antártida, Shackleton participou da expedição de Scott entre 1901 e 1904 e chefiou a sua própria expedição no biênio de 1908-1909, chegando apenas a 150 km do Pólo Sul. Enquanto se iam esgotando os grandes desafios exploratórios do homem e no início da I Guerra Mundial, a expedição Imperial Transantártida, liderada por Ernest Shackleton e com autorização do próprio Churchill, partiu da Inglaterra para tentar a primeira travessia à pé do continente branco cruzando o pólo sul, num total de 2000 milhas de percurso.

Em baixo, o abrigo polar construído por Shackleton durante a Expedição Ninrod em janeiro de 1908 que ainda hoje existe em Cape Royds.



Preparação da expedição

O aviso de recrutamento para a expedição polar distribuído por Shackleton não podia ser mais direto:

"Men wanted for hazardous journey. Small wages. Bitter cold. Long months of complete darkness. Constant danger. Safe return doubtful. Honour and recognition in case of success."

Assim recrutou a sua tripulação na Inglaterra. Na preparação do navio, com 28 membros da expedição, também seguiam cães destinados à tração de trenós e uma grande quantidade de equipamentos a serem usados na travessia.

Quando Shackleton adquiriu o navio *Polaris*, construído para enfrentar os rigores do gelo, rebatizou-o de *Endurance*, que significa resistência, paciência. Escolha sem dúvida premonitória. Shackleton conhecia a região, não era a sua primeira incursão na Antártica. Em 1901, ele integrou a expedição do célebre Capitão Falcon Scott, na tentativa frustrada de serem os primeiros a chegar ao Pólo Sul. Em 1907, voltou a tentar, desta vez numa expedição própria. Levou cavalos para andar no gelo, quando já se sabia que os trenós puxados por cães eram o meio de transporte mais adequado. Ele e sua equipa não eram bons esquiadores e sequer dispunham do equipamento de alpinismo correto. Apesar disso, estavam apenas a 150 quilómetros do pólo, quando Shackleton ordenou que voltassem, dando a sua primeira demonstração de apreço à vida de seus homens, já famintos e sofrendo de cegueira das neves.

No caso da expedição do *Endurance*, a situação foi outra. O Pólo Sul havia sido alcançado em 1911 pelo norueguês Roald Amundsen. Foi por isso que Shackleton traçou como nova meta a travessia do continente, planejando tudo muito cuidadosamente. Deu atenção especial à formação de sua tripulação, incluindo nela homens experientes, alguns deles vindos da Marinha Mercante e até dos Fuzileiros Navais de Sua Majestade. No dia 8 de agosto de 1914, o *Endurance* partiu com destino a Buenos Aires, onde, além de se aprovisionar de víveres, Shackleton aproveitou para completar a sua tripulação. A partida tinha deixado vários rumores de cetiscismo e a própria viagem a bordo do *Endurance* até Buenos Aires prosseguiu com vários desacatos entre marinheiros da tripulação. Chegado a terra, Shackleton decidiu que quatro dos marinheiros envolvidos nas agressões e rixas ficariam em terra; foi preciso alterar a composição da tripulação.

No total, incluindo o chefe da expedição, estavam a bordo 28 pessoas, contando também com o clandestino Perce Blackborow, o mais jovem de todos, descoberto dias depois da partida dentro de um caixote. Shackleton admitiu-o como tarefeiro, com a seguinte observação: "Em expedições como essa, muitas vezes se passa fome e os clandestinos são os primeiros a serem devorados". Faziam parte da tripulação um biólogo, um físico, um geólogo, um meteorologista e dois médicos. Mesmo eles não escaparam dos critérios de admissão pouco ortodoxos do líder da expedição. Quando o físico Reginald James se apresentou, Shackleton não o questionou sobre o trabalho científico; perguntou-lhe antes se sabia cantar. Estava interessado em avaliar a

personalidade de cada membro do grupo porque sabia que estas características podiam ser cruciais. De facto, estes critérios comportamentais são aqueles que asseguraram a convivência a bordo e as demonstrações de solidariedade durante a expedição. Também embarcaram, em Buenos Aires, 69 cães de trenó, que seriam usados na travessia do continente antártico. Estes tiveram um papel de companhia para aqueles homens perdidos na monotonia gelada dos intermináveis dias polares. Por fim, a gata Chippy, mascote do navio, também completava a tripulação do Endurance ; seria tema de conversa da tripulação com os seus passeios pelo canil, provocando os cães.

Onze dias depois de terem deixado Buenos Aires, chegaram a South Georgia, última escala antes da Antártida. Nas ilhas de South Georgia acostaram na estação baleeira Stomness para seguirem para o ponto onde deveriam desembarcar no continente antártico.

Placas de gelo

Foi precisamente em Stomness, que a tripulação foi informada por baleeiros que a navegação no Mar de Weddell estava difícil, com imensos blocos de gelo que se estendiam em direção ao norte, como nunca antes tinha acontecido. “O melhor seria esperar o verão austral, quando o gelo começou fragmentar-se” , esse era o conselho que tinham dado a Shackleton. Shackleton esperou um mês. A escala de uma semana estava a durar muito mais do que o esperado.

No dia 5 de Dezembro 1914, Shackleton decidia partir para as águas geladas de Weddell e, dois dias depois, encontrava a temida placa de gelo. Durante algumas semanas, o Endurance prosseguiu viagem, procurando contornar o obstáculo. Shackleton acreditava que assim alcançariam a baía de Vahsel, onde pretendia desembarcar com seis homens e 69 cães para iniciar a caminhada polar. Foi avançando através de uma rota tortuosa, algumas vezes quebrando o gelo à força, com o próprio navio, outras tendo que parar e esperar que ele se abrisse. No caminho, cruzaram-se com icebergs gigantescos e placas de gelo até 400 quilómetros quadrados. A infinita desolação da paisagem era, às vezes, interrompida por focas, pinguins, albatrozes e orcas.

A viagem prosseguia cada vez mais vagarosa, até que o aparecimento de grandes placas obrigou o navio a parar. Na manhã do dia 19 de janeiro de 1915, a tripulação foi acordada com a notícia de que o bloco de gelo se fechara à volta do navio: o Endurance estava completamente bloqueado no meio de uma imensa planície branca. Ventos fortíssimos do norte haviam comprimido a placa de gelo contra a costa do continente, de tal forma que mesmo do ponto mais alto, ou seja, a gávea do navio, não se via nem sinal de mar aberto. A ironia é que isso aconteceu quando estavam a um dia de viagem da baía Vahsel.



Vento e neve

Demorou algum tempo até que os navegantes percebessem que aquela não era uma situação provisória. Durante alguns dias, alimentaram a esperança de que a massa de gelo se abrisse, apesar dos ventos e da tempestade constantes. A esperança era renovada a cada fenda que surgia em torno do navio. Os próprios tripulantes tentavam partir o gelo com picaretas. Acabaram por descobrir que não só estavam completamente presos à massa de gelo, como também eram levados junto com ela pelas poderosas correntes do mar de Weddell. Estavam à deriva. Deste modo, afastavam-se cada vez mais do continente. No dia 24 de Fevereiro 1915, vendo que se esgotavam as hipóteses de se libertarem, Shackleton ordenou que a rotina do navio fosse suspensa. Shackleton tinha 40 anos e sabia que esta era provavelmente a sua última hipótese. Ao mesmo tempo que vivia uma desilusão imensa, também se sentia responsável pela tripulação. Um dos tripulantes descreve-o: "Foi neste momento que Shackleton deu mostras de autêntica grandeza: não se enfurecia nem dava sinais de mais ínfima contrariedade; disse-nos de forma simples e tranquila, que certamente passaríamos o Inverno na placa; explicou-nos os perigos e as possibilidades; nunca perdeu otimismo e preparou-nos para o Inverno".

A esperança era de que o gelo começasse a partir-se na primavera, ao fim de sete meses e a sua preocupação, era então, manter o moral alto e a sobrevivência do grupo, o que fez com habilidade e sem dar sinais de desespero. Tão difícil como enfrentar o longo inverno polar foi suportar a monotonia daqueles dias brancos, sempre iguais. "Por experiência própria, Shackleton conhecia bem a pressão psicológica peculiar exercida pelo silêncio sinistro e a escuridão vazia do iminente inverno antártico" (Alexander, 1998). Cuidar dos cães, que agora viviam fora do navio, em canis construídos com blocos de gelo, acabou virando uma forma de passar o tempo. Até corridas de trenós puxados pelos cachorros foram organizadas. Futebol no gelo foi outra das diversões, com equipas formadas pela turma de bombordo contra a de

estibordo. Estas iniciativas entusiasmavam a tripulação e lançavam um espírito de combate saudável dentro do grupo.



Sessões de música e canto, jogos de xadrez e dominó, além de leituras da Enciclopédia Britânica, também foram armas contra o tédio e a angústia. A caça a focas e pinguins acabou por manter os homens ocupados e por assegurar a alimentação do grupo. Mas um dos tripulantes mais ocupados durante todo o tempo em que o Endurance esteve aprisionado foi o fotógrafo Frank Hurley, que passou a registrar o dia a dia de seus companheiros e os diversos ângulos do navio encalhado. Fascinado com as variações da luz glacial, acordava de madrugada para tirar fotos. Numa dessas saídas, sofreu o ataque de uma orca, que emergiu do gelo repentinamente, talvez por confundilo com um pinguim. Por sorte, o susto foi recíproco e ele conseguiu escapar. Apesar dos esforços para se manterem distraídos, os homens estavam sempre atentos à menor mudança na superfície gelada. A partir de julho, a pressão em volta do navio começou a aumentar, e a madeira começou a ranger. Nos meses seguintes, essa compressão foi aumentando e as sequelas foram cada vez mais frequentes e violentas, chegando a inclinar o Endurance em 30 graus a bombordo.



O mais forte destes choques abriu uma fissura no casco, deixando que a água invadisse o navio. Nada mais podia ser feito, a não ser abandoná-lo. Essa foi a ordem que Shackleton deu aos homens, na tarde do dia 27 de outubro de 1915. Depois de uma tentativa frustrada de caminharem pelo gelo na direção da Ilha Robertson, arrastando com eles dois barcos salva vidas, levantaram acampamento numa placa, a 2 quilômetros dos destroços do Endurance. Foi dali, que dois meses mais tarde, viram o navio a afundar-se e a desaparecer sob o gelo.

Tiveram então de criar um acampamento provisório a poucos metros dos destroços. As condições climáticas tinham piorado, a temperatura ascendia os 26 negativos. As tendas construídas eram muito finas, à noite conseguia-se ver a lua através destas. O chão era feito de tábuas do barco. Como não existiam sacos de cama suficientes, foi feito um sorteio para dividir os sacos de cama finos e os de lã. Relatos de marinheiros indicam que todos se teriam apercebido de batota no processo de sorteio ficando os marinheiros com os sacos de cama mais finos.

A rotina era instituída por Shackleton. Tomavam o pequeno almoço às 8h30 (chá, foca frita, massa de farinha cozida); em cada tenda havia uma pessoa encarregue de ir à tenda cozinha buscar a alimentação. A tarde servia para ler, falar ou passear. Às 17h30, servia-se estufado de pinguim com cacau e à noite todos se recolhiam. Havia vigílias ao acampamento mas Shackleton vigiava constantemente o acampamento ficando acordado à noite e dormindo muito pouco. É também nessa altura que Shackleton adoece com uma ciática ficando imobilizado mas sempre indagando do moral do grupo. Como dirá um marinheiro: “Estava sempre vigilante para ver se a moral não baixava, ou se havia algum descontentamento e poder remediá-lo”.

Ele melhora e decide numa noite que é tempo de partir. No dia seguinte, anuncia que os mantimentos e o próprio barco estavam a desaparecer e por isso iriam tentar chegar a terra firme. Seria uma longa marcha, tinham de transportar os mantimentos que iriam necessitar, tinham de repartir roupa,

equipamento, tabaco e a bagagem tinha de ser a mais reduzida possível. Shackleton definiu um limite de 1k por pessoa e ele próprio se desfez de moedas, do seu relógio de ouro e haveres pessoais. Entretanto, à medida que cada um dos tripulantes se desfaz de objetos, forma-se uma pilha de objetos inutilizados. No fim, Shackleton retira o banjo de Hussey um dos marinheiros e diz que será com ele que o grupo se animará, ao que todos concordaram. Mas a notícia da partida não é bem aceite por todos.

O acampamento paciência: estadia e partida

A marcha empreendida desta vez seria ainda mais difícil pelas condições físicas da tripulação mas também pela sua desmobilização. No primeiro dia andam 2km em 8 horas, e nos dias seguintes a progressão é mínima. Os homens arrastam-se molhados, esfomeados, exaustos. As vozes dissonantes fazem ouvir-se; surge então uma insubordinação num dos trenós cujo responsável não consegue mais chefiar um dos homens, Mc Nish, que se recusa a continuar que se encontrava exausto, sofrendo de hemorróides, e diz que não consegue mais continuar. Vários homens concordam então e dizem não quererem continuar a estarem sob as ordens de Shackleton. Mc Nish o carpinteiro tinha outra ideia, defendia que se poderia construir outra embarcação e partirem todos por mar. Shackleton numa violenta discussão põe termo à dúvida e mais tarde convoca uma reunião. Na reunião, relê as normas do barco e mostra como todos se tinham comprometido a um conjunto de tarefas fora e dentro do barco. Termina dizendo que todos serão pagos até ao último dia de expedição mas isso implicava que continuassem sob as suas ordens. McNish acaba por ceder e Shackleton também escolhe um acampamento mais perto.

Depois de meses vivendo acampados em penosas condições, foram obrigados a sacrificar todos os cães, e também a gata Chippy para ficarem com algum alimento. Chamaram ao acampamento “paciência” porque esperavam que o gelo derretesse; em janeiro, o gelo começou a rachar, mas nem todos os homens cabiam nos dois botes que tinham levado do Endurance. Um dos marinheiros implora Shackleton para resgatarem o terceiro bote ao Endurance. Lê-se nos vários diários que Shackleton acedera ao pedido porque sentira que o humor era bastante negativo e o tom era de contestação. O gelo estava cada vez mais mole, as placas ondulavam, os marinheiros, mesmo os mais experientes sofriam agora de enjojo.

Shackleton ordenou que lançassem ao mar os três barcos (James Caird, Dudley, Stancomb Wills) resgatados do Endurance tendo como direção a ilha Elefante, levando apenas um sextante e um cronômetro. Depois de dois dias de uma viagem tormentosa, quase sem noção do rumo, com as embarcações equilibrando-se no topo de ondas gigantescas e a tripulação consumida pela sede, chegaram finalmente a terra firme, após 497 dias na vastidão do gelo e do mar. Shackleton deu ao jovem Blackborow a honra de ser o primeiro a pisar o continente, mas, doente e quase congelado, ele teve que ser carregado pelos companheiros. Apesar da completa exaustão, dos rostos fustigados pelo sal marinho e das roupas molhadas, os homens demonstraram sua alegria atirando-se ao chão, rolando sobre os seixos da praia e enchendo as mãos de

pedrinhas, como se fossem valiosos fragmentos de vida. A viagem tinha sido terrivelmente penosa com tempestade e mar violento em que os poucos avanços levaram a certa altura ao desânimo completo. Shackleton resolveu desvalorizar as medições que tomavam e mostravam o pouco progresso da expedição. Ele sabia que a situação não era boa mas também sabia que não podia haver outra hipótese senão batalhar neste mar picado.

Avistavam enfim a terra ao longe. Os homens estavam fisicamente desfeitos com furúnculos nos pés, mãos e lábios gretados, olhos vermelhos, sintomas de hipotermia, delírio e apatia; os casos mais graves tinham os pés a gangrenarem. Mas só o James Caird, e o Stancomb Wills se avistavam no anoitecer e estavam prestes a chegar a terra. Shackleton passaria então a noite toda, em plena tempestade que subitamente estalara, em vigília para avistar o Dudley. Chegou a pensar que este se tinha perdido. Foi ao amanhecer e ao desembarcarem na ilha Elefante que enfim avistaram o Dudley. O fotógrafo Huxley também registou estes momentos. A noite nas embarcações James Caird e o Stancomb Wills também tinham sido extremas; certos marinheiros choravam de desespero, com água dentro das embarcações, sem água doce para beberem e estado de grave condição física.

A terra –um refúgio inóspito

Embora em terra firme, eles continuavam náufragos. Na medida em que as condições da placa começaram a ficar bastante perigosas, Shackleton determinou que seus homens preparassem os escaleres para serem utilizados a qualquer momento, sempre acompanhando as mudanças de local dos acampamentos sobre o gelo. Permaneciam isolados e desabrigados, sob a ameaça de constantes tempestades. A paisagem do segundo refúgio era lúgubre e sinistra. Os homens estavam esgotados depois do segundo desembarque, a saúde de dois deles era crítica: Blackborow tinha os pés a granenarem e Rickinson sofrera um ataque cardíaco. Entretanto, após nova instalação de tendas, estas tinham sido desfeitas pela tempestade. Já muitos homens nem se levantavam, Shackleton levava a estes o pequeno almoço.

Mas, para além disso, começava de novo o descontentamento. Vários homens não queriam mais trabalhar, e Shackleton teve de usar métodos drásticos para os obrigar a se levantarem, como reconhece no seu próprio diário. Neste cenário, convoca nova reunião onde explica os passos seguintes. Shackleton decidiu que ele e mais cinco homens, a bordo do bote James Caird, iriam buscar socorro na Geórgia do Sul, a 1.300 quilómetros. Para isso, teriam que enfrentar mais um pesadelo: a perigosa travessia da Passagem de Drake, considerada uma dos trechos de oceano mais temidos do planeta, com ventos de 130 km/h, e as vagas do cabo Horn, de mais de 20 metros de altura. Tudo isso a bordo de um pequeno barco que mal acomodava os tripulantes e que se encontravam em estado muito débil. Contavam como únicos aparelhos de navegação um sextante e um cronómetro. O objetivo era chagarem a um porto a uma distância cerca de 10 vezes superior à que tinham acabado de percorrer até à Ilha Elefante, sem nenhuma possibilidade de escala. Todos os homens ouvem em silêncio o que pensam ser impossível de concretizar.



Shackleton tinha escolhido a dedo os 5 elementos. O carpinteiro McNish fazia parte do grupo; tinha acabado de arranjado o barco James Caird e tinha sido importante na chegada à ilha. Também seguiam Worsley um hábil navegador e mais 3 outros marinheiros (Vincent, Crean e McCarthy) que se tinham evidenciado na aproximação à ilha Elefante. Também Shackleton escolhera um marinheiro, Wild, para assumir o comando daqueles que ficariam em terra. O tempo estava cada dia que passava a piorar e Shackleton referiu que não se podia demorar a sair; as suas palavras tiveram de ser imediatamente executadas porque subitamente uma placa de gelo estava a começar a envolver a ilha. Despediu-se então de Wild de quem tinha plena confiança e com quem trocou muitas indicações e ideias antes de partir. Havia um plano estabelecido se o Caird não voltasse a dar sinal de vida até à Primavera. Também Shackleton deixara uma carta-testamento a Wild destinada com a passagem de comando a Wild e com todas as indicações e ordens para prosseguir a expedição.

Os emocionantes momentos da despedida foram fotografados por Hurley, que ficou com os demais na depositando todas as esperanças de sobrevivência no grupo que partia: a expedição entre a ilha Elefante e South Georgia levou à prova não só a construção do James Caird, mas igualmente a resistência física e psíquica e as habilidades como navegadores dos seus tripulantes. Em condições marítimas permanentemente tempestuosas com frio e gelo, tudo prejudicava os cálculos do piloto Frank Worley pois as medições de navegação astronómica e pelo sol eram alteradas pelo constante movimento da ondulação

e dos constantes nevoeiros, além de interferências na bússola pela proximidade de um dos pólos magnéticos da Terra.



A aventura no James Caird

As condições dentro do Caird eram inimagináveis. A ondulação tinha-se enfim acalmado porque estes se encontravam junto da placa de gelo. Mas no interior do barco, a água subia e o impermeável deixava passar toda a água. Na “cabine” havia ainda um pouco de espaço para se deitarem. Fizeram-se turnos de 4 horas para que os homens se pudessem pelo menos estender. Não conseguiam dormir porque estavam todos molhados, os seus fatos cheios de água e as pedras que tinham colocado para aumentar a estabilidade do barco mexiam-se continuamente. Shackleton conta que nunca conseguiram realmente dormir.

Tinham avançado bem quase 383 km do ponto de partida. Um forte vento os empurrava agora mas a temperatura descia e o gelo endurecia. Todos iam partindo o gelo à volta da embarcação para que esta avançasse. Escorregadios, os homens equilibravam-se no lona para quebrar o gelo num difícil exercício. Houve mesmo incidentes que podiam ter sido fatais com a perda de homens que escorregavam mas conseguiram ser resgatados pelos tripulantes. Também tinham de reduzir o peso e por isso deitaram alguns sacos cama que pesavam muito mais com gelo. Todos estes esforços permitiram que o Caird não se afundasse. Mas a condição dos homens piorava a olho nu. O único alívio era a refeição quente que era servida todas as 4 horas. Dois deles estavam quase a morrer e Shackleton media constantemente o pulso e dava-lhes de comer quando se apercebia que voltavam a tremer. Tinham chegado a um ponto grave pois já não tinham água doce. Decidiu então que deveria acostar à terra mesmo que não chegasse ao ponto desejado. Mas a

aproximação à terra também não seria fácil em parte por causa dos recifes e só ao fim de dois dias conseguiram desembarcar.

No dia 8 de maio de 1916, dezesseis dias depois de ter deixado 22 homens da sua tripulação isolados na Ilha Elefante, finalmente o James Caird chega a praia isolada de South Georgia com a sua tripulação exausta mas com vida, embora no lado oposto onde estava a estação baleeira de Stromness e dela separados por uma cordilheira coberta de gelo e neve. Exaustos com a jornada marítima, Shackleton dividiu novamente sua equipa empreendeu uma travessia ininterrupta de 36 horas para enfim encontrar socorro em Stromness. Milagrosamente, tinham conseguido chegar a seu destino. Chegaram à estação baleeira como bêbados e na capitania estavam ao rubro pois pensavam que todos tinham desaparecido.

O resgate

Para resgatar os 22 companheiros que tinham ficado na ilha Elefante, também foi difícil. As barreiras de gelo impediam o acesso à ilha. Além disso sem o apoio da Inglaterra envolvida com os esforços da I Guerra Mundial, Shackleton emitiu incessantes pedidos de resgate para os países geograficamente mais próximos - Argentina, Chile e Uruguai, o que lhe consumiu em pouco tempo muito da vitalidade e da aparência física conforme relatam aqueles que com ele conviveram. Shackleton fez várias tentativas, em embarcações diferentes, até obter sucesso com o navio chileno Yelcho. A sua preocupação era então imensa. Sabia que, caso ainda vivessem, depois de quatro meses de abandono numa ilha desolada, a resistência de seus homens estaria quase no fim. Do alto do navio, com os binóculos grudados nos olhos, ele perscrutava a praia com ansiedade, até perceber pequenos pontos negros movendo-se na neve branca. Eram eles e estavam todos vivos.

Finalmente, depois de três meses de angústia o rebocador militar chileno Yelcho, em outra heróica jornada náutica, encontrando passagem no gelo fundeou ao largo da ilha Elefante por volta das 13:10 do dia 30 de agosto de 1916. Mais de dois anos depois da partida do Endurance da Inglaterra foram resgatados com vida todos os homens da tripulação, sem dúvida o maior mérito da liderança de Shackleton! O mérito deste resgate é dividido com o comandante do Yelcho, Luís Pardo Villalón, uma vez que se tratou de uma expedição de grande perícia pois a embarcação não estava aparelhada para a missão, sem dotação de qualquer sistema de aquecimento, energia elétrica ou casco duplo próprio para os mares polares. A chegada a Punta Arenas do Yelcho com Shackleton e sua tripulação incólume, propositalmente ainda sujos, desganhados, por barbear e com as roupas originais da expedição impregnadas de gordura de fuligem foi uma festa memorável, acompanhada por toda a população local e pelo governador chileno. E isto não foi nada comparado à recepção do Yelcho e Shackleton em Valparaíso em 27 de setembro, quando mais de 30 mil pessoas ocuparam o porto e as ruas vizinhas. Quando voltou, o Comandante Villalón foi imediatamente promovido e a façanha foi anotada com honra na sua folha de serviços, sendo lida na ordem do dia de todos os navios e repartições da Armada Chilena. Recebeu ainda em homenagem dos governos chileno e britânico um abono equivalente a 10 anos

de serviços concedido por lei especial do ano de 1918. Villalón e Shackleton tornaram-se grandes amigos.

O *Yelcho* permaneceu ao serviço até o ano de 1958, quando foi para a sucata. A proa desta famosa embarcação foi preservada e hoje faz parte de um monumento em Puerto Williams (Ilha Navarino) nas margens do Canal de Beagle.

Ponto final

No dia 8 de outubro de 1916, todos desembarcaram em Buenos Aires, o ponto final da expedição, mas não do espírito de aventura de Shackleton. Anos mais tarde, ele voltou ao Pólo Sul, mesmo depois de sua arriscada epopeia. Vários de seus companheiros do *Endurance* acompanharam-no na nova expedição, embora esta não tivesse objetivos muito claros. Em setembro de 1921, navegaram no *Quest*, um velho e vagaroso navio usado para caçar focas. Mas Shackleton também não estava em melhor forma; Gordo e com problemas de angina, não era mais o mesmo. Ao chegar ao Rio de Janeiro, sofreu um ataque cardíaco. Prosseguiu viagem, mas em South Georgia sofreria outro ataque, este fatal. Mais uma vez não alcançou a Antártida. Foi enterrado lá, ao lado de caçadores de baleia noruegueses.

Diário de bordo (cronologia)

1914

01/08 O *Endurance* parte de Londres
02/08 Direção ao porto de Plymouth, Inglaterra
26/10 De Buenos Aires à Antártida
05/11 Chega à ilha Geórgia do Sul
05/12 Sai da baía de Cumberland, em South Geórgia

1915

18/01 O *Endurance* fica preso no gelo
02/02 Uma fenda se abre no gelo
22/02 As correntes conduziram o *Endurance* até o 77º paralelo, o ponto mais ao sul que a expedição consegue chegar
24/02 A rotina do *Endurance* é suspensa. A tripulação prepara-se para o inverno polar
09/07 Começa a pressão do gelo contra o navio
15/08 O gelo volta a quebrar-se à volta do *Endurance*
26/08 Aumenta a pressão do gelo
27/10 Shackleton dá ordem de abandonar o navio
28/10 Shackleton decide caminhar em direção à Snow Hill ou à Ilha Robertson
21/11 O *Endurance* submerge no gelo

1916

15/04 Os aventureiros chegam à ilha Elefante
24/04 Shackleton e mais quatro homens saem em busca de socorro no barco salva vidas James Caird
10/05 O James Caird atraca na baía Rei Haakon, em South Geórgia
30/08 Shackleton reencontra o grupo refugiado na ilha Elefante
08/10 Fim da expedição, em Buenos Aires

Referência

Alexander, Caroline. (1998). *The endurance: Shackleton's legendary antarctic expedition*. New York: *Alfred A. Knopf*.